

# AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



# AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0398-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.982221008>

1. Ciências humanas. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea, *As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais*, reúne neste volume vinte e dois artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas dos vários saberes que compreendem as Ciências Humanas.

Esta coletânea parte da necessidade de se abordar os mais diversos fenômenos sociais e culturais, passando pelas peculiaridades da educação, do conhecimento psicológico, da sociologia, da história e da arte, na tentativa de demonstrar a complexidade que das relações humanas em sociedade, influenciados por uma cultura.

Espero que consiga colher desses artigos que se apresentam, boas questões, e que gerem diversas discussões para a evolução do conhecimento sobre o fator humano.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO NARRATIVA DAS SÉRIES TELEVISIVAS

Lisandro Magalhães Nogueira

Victor Hugo de Carvalho Caldas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210081>

### **CAPÍTULO 2..... 9**

#### VESTÍGIOS DA FICÇÃO E A RELAÇÃO COM O APRENDER HISTÓRIA: HARRY POTTER E A OUTRA IDADE MÉDIA

Edilson Aparecido Chaves

Geovana Pereira de Souza Adonis

Giovanna Iancoski Guilherme

Lucas Gabriel Muller Silva

Maria Isabel de Oliveira Meira

Vanessa Lopes Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210082>

### **CAPÍTULO 3..... 20**

#### OS FIGURINOS DE *THE UNTAMED* COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E ALEGORIAS PARA ALÉM DA CENSURA

Juliana Gomes Pirani

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210083>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

#### O COMPLEXO DO DEMIURGO LITERÁRIO ENTRE A POÉTICA DE WILLIAM BLAKE E A CASA QUE JACK CONSTRUIU (2018), DE LARS VON TRIER

Gabriela Sá Pauka

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210084>

### **CAPÍTULO 5..... 53**

#### ESCREVIVÊNCIAS E TRAVESSIAS NOS CONTOS DOS PALABRAS E AYOLUWA A ALEGRIA DE NOSSO POVO DE ISABEL ALLENDE E CONCEIÇÃO EVARISTO

Ezilda Maciel da Silva

Amilton José Freire de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210085>

### **CAPÍTULO 6..... 63**

#### A RELEVÂNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA E OS SEUS REFLEXOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Anna Beatriz Martins Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210086>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
TRADIÇÕES CONFESSIONAIS CHINESES – ANÁLISE INTRODUTÓRIA	
Adelcio Machado dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210087">https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210087</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
DANÇAS BRASILEIRAS: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EM CONTEXTO ESCOLAR	
Sirlane Maria do Carmo Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210088">https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210088</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: O TERRITÓRIO COMO FATOR DE RISCO OU PROTEÇÃO	
Ana Paula StHEL Caiado	
Karool Malikouski de Amorim	
Ana Carolina Borges Barbosa	
Ronison Loureiro Leppaus	
Dafne Araújo Fontana	
Karen de Araújo Pereira	
Heitor Croce	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210089">https://doi.org/10.22533/at.ed.9822210089</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA DE FICÇÃO: HARRY POTTER HISTORIADOR E O OFÍCIO DE ESTUDANTE PESQUISADOR(A)	
Edilson Aparecido Chaves	
Izabella Nodari Grassi	
Maria Julia Biesemeyer	
Mayumi Addad Ishida	
Stéphany Melnik dos Santos	
Vanessa Lopes Ribeiro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100810">https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100810</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
NO CHÃO DA ESCOLA: DIFICULDADES E BARREIRAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Edmilton Amaro da Hora Filho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100811">https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100811</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100812">https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100812</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
A ATUALIDADE DO DESAFIO DE INCLUSÃO DA TEMÁTICA DA EDUCAÇÃO PARA	

## AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Valdenice de Araujo Prazeres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100813>

### **CAPÍTULO 14..... 163**

#### ANALFABETISMO NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Bernard Pereira Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100814>

### **CAPÍTULO 15..... 175**

#### A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS DIGITAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Francinéia Ferreira Dias

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100815>

### **CAPÍTULO 16..... 187**

#### ENSINO REMOTO E ESCAPE ESCOLAR: UMA VISÃO DOS FUTUROS DOCENTES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP) - QUÍMICA/FAEC

Sebastiana Vieira Siqueira

Maria Carolaine Aurélio Fernandes Rosendo

Lourival Rosa Pereira

Ana Lucia Rodrigues da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100816>

### **CAPÍTULO 17..... 192**

#### PODCAST: SINTONIZANDO A QUÍMICA

Luiza Beatriz Bezerra de Sousa

Francisco Hermeson Bezerra Soares

Ana Heloisa de Sousa Cruz

Saulo Roberio Rodrigues Maia

Cosma Nayara Rosendo de Miranda Gusmão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100817>

### **CAPÍTULO 18..... 198**

#### A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA JAPONESA 5S PARA MELHORIA DA QUALIDADE DAS AULAS REMOTAS NO ENSINO PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA COVID/19 EM ALAGOAS

Fábio Ferreira de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100818>

### **CAPÍTULO 19..... 209**

#### O POSICIONAMENTO DOS HOTÉIS NO RIO DE JANEIRO COM BASE NAS ON-LINE TRAVEL REVIEWS (OTRS): UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Francisco Barbosa do Nascimento Filho

Murilo Henrique Barbiero Bogadão

Pedro Pimenta Barbosa do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100819>

**CAPÍTULO 20..... 228**

O TUCUPI NOS PERIÓDICOS DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX (1848-1899)

Guilherme Shitomi Akiyoshi

Sarah de Freitas Batista

Thaina Schwan Karls

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100820>

**CAPÍTULO 21..... 246**

GARIMPEIROS DE SERRA PELADA: HISTÓRIA, DIREITOS E DIFICULDADES ENFRENTADAS

Daniel Marques Pinheiro

Deusdeth Nickson de Souza Vieira

Demilzete Maria da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100821>

**CAPÍTULO 22..... 255**

ASSÉDIO SEXUAL: A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO #METOO E AS SUAS IMPLICAÇÕES

Joab da Silva Lima

Sirley Leite Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98222100822>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 262**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 263**

# CAPÍTULO 4

## O COMPLEXO DO DEMIURGO LITERÁRIO ENTRE A POÉTICA DE WILLIAM BLAKE E A CASA QUE JACK CONSTRUIU (2018), DE LARS VON TRIER

Data de aceite: 01/08/2022

**Gabriela Sá Pauka**

(UNESP) Programa de Pós-Graduação em Letras

**RESUMO:** Este artigo propõe uma leitura do filme *A casa que Jack Construiu* (2018), de Lars von Trier, a partir do diálogo entre a Literatura e o Mal, mas mais especificamente de um de seus arquétipos: a demiurgia. O filme, baseado na exposição de cinco dos assassinatos cometidos por um *serial killer*, delinea uma espécie de ensaio sobre a relação entre a arte e a perversidade ao mesmo tempo em que radica no solo árido da contemporaneidade ecos corrompidos das antigas ambições do grande gênio artístico. Assim, pretendeu-se investigar o modo como o filme opera a transcrição do arquétipo literário, já que a distorção performada por Jack, protagonista, e Trier, cineasta, se imprime como atestado da angústia criativa da contemporaneidade. Os textos literários transcritos pelo filme e estudados aqui são os poemas “Cordeiro” (“The Lamb”) e “O Tygre” (“The Tyger”), de *Canções da Inocência e da Experiência* (*Songs of Innocence and of Experience*, 1789) de William Blake. O filme de Trier, desse modo, apropria-se dos poemas e os distorce em um processo de bricolagem fílmica, produto próprio da criação pós-moderna. Os eixos metodológicos para a investigação são os Estudos Interartes, cancelados por Claus Clüver (1997, 2006, 2012); a perspectiva da

criação como transcrição, desenvolvida por Haroldo de Campos (2015); as asserções de Linda Hutcheon (1947) sobre as noções de criação na pós-modernidade. Convém ressaltar que as análises, mesmo interdisciplinares, estão vinculadas à tradição literária ocidental e à conceituação de pervivência para a Literatura desenvolvida por Haroldo de Campos (2015). Nesse sentido, a hipótese para o gesto mefistofélico se estabelece: desejou-se franquear a deformidade da leitura de Jack como possível alegoria do criador contemporâneo que, aterrado pelas referências canônicas, está mais propenso a depreender delas argumentos que corroborem com sua equivocada perspectiva histórica. Desejou-se, portanto, dialogar com a concepção de tradição literária como base sólida que autoriza as criações contemporâneas além de advogar pela instância disruptiva, de sentindo ilimitado, da pervivência literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A casa que Jack construiu*. Estudos Literários. Transcrição. Estudos Interartes. Demiurgia. Literatura e o Mal.

**ABSTRACT:** This article proposes a reading of Lars von Trier's *The House That Jack Built* (2018), based on the dialogue between Literature and Evil, but more specifically on one of its archetypes: demiurgy. The film, based on the exposition of five of the murders committed by a serial killer, outlines a kind of essay on the relationship between art and perversity while rooting in the arid soil of contemporaneity corrupted echoes of the old ambitions of the great artistic genius. Thus, it was intended to investigate the way in which the film operates the transcreation of the literary

archetype, since the distortion performed by Jack, the protagonist, and Trier, the filmmaker, is printed as a testament to the creative anguish of contemporaneity. The literary texts transcribed by the film and studied here are the poems “The Lamb” and “The Tyger”, from Songs of Innocence and of Experience, 1789, by William Blake. Trier's film, in this way, appropriates the poems and distorts them in a process of filmic bricolage, a product of postmodern creation. The methodological axes for the investigation are the Interart Studies, approved by Claus Clüver (1997, 2006, 2012); the perspective of creation as transcreation, developed by Haroldo de Campos (2015); Linda Hutcheon's (1947) assertions about postmodern notions of creation. It is worth mentioning that the analyses, even interdisciplinary, are linked to the Western literary tradition and to the concept of survival for Literature developed by Haroldo de Campos (2015). In this sense, the hypothesis is established: it was intended to open up the deformity of Jack's reading as a possible allegory of the contemporary creator who, terrified by canonical references, is more likely to infer from them arguments that corroborate his mistaken historical perspective. Therefore, it was intended to dialogue with the conception of literary tradition as a solid basis that authorizes contemporary creations, in addition to advocating for the disruptive instance, with unlimited meaning, of literary survival.

**KEYWORDS:** The house that Jack built. Transcreation. Interart Studies. Demiurgy. Literature and Evil.

## INTRODUÇÃO

A tessitura que reveste a relação entre a Literatura e o Mal muitas vezes se manifesta como arguto aceno àqueles que um dia provaram cativos sua instigante textura – insólita, controversa, marginal. Muitos já atenderam a essa convocação pela via da investigação dos expedientes dessa tradição. Este artigo, também vestida pela vibrante seda do diálogo entre a Literatura e o Mal, deseja investigá-lo a partir de um dos seus arquétipos mais caros: a demiurgia. Desse modo, este estudo representa uma resposta positiva ao convite de Lars von Trier (1956), cineasta dinamarquês, envelopado em seu filme *A casa que Jack construiu* (2018). Nele, a transcrição de textos poéticos em imagem cinematográfica é teia para elucubrações sobre a vertiginosa arte contemporânea debatida intra e extratextualmente. Muito embora a multiplicidade de tramas referenciais seja estabelecida em linguagem cinematográfica, a obra enraíza-se direta e indiretamente na tradição literária ocidental, pois a rede epistemológica criada pelo diretor ao pensar as possíveis sendas criativas hodiernas está alicerçada no cânon literário. Lars invoca a tradição em empréstimo dialógico e por meio desse câmbio atesta a impossibilidade do criar artístico desprovido da *marca d'água*<sup>1</sup> que chancela a existência do original.

Desse modo, esta investigação amparar-se-á na noção de pervivência dos trançados entre a Literatura e o Mal. Essa concepção estará sustentada, é importante frisar, por perspectivas bastante atuais, tais como a Transcrição e os Estudos Interartes. A justificativa para essa abordagem encontra-se na constatação de que há ainda muito

<sup>1</sup> Embora a expressão “marca d'água” não seja recorrente em textos crítico literários, desejou-se utilizá-la tendo em vista a frequência com que Haroldo de Campos a utiliza em sua teoria sobre a transcrição.

a se desocultar sobre a maneira pela qual as mãos contemporâneas rendam o pano da malignidade literária. O filme de Trier servirá, portanto, como objeto para recorte tão específico. Logo, a entrançada vinculação entre a Literatura e o Mal será estudada sob a insígnia da transcrição e compreendida como forma de depreender pistas acerca das indagações que o indivíduo contemporâneo tem sobre si mesmo e sobre os fundamentos culturais e estéticos - quiçá morais – que lhe engendram.

A pesquisa almeja, portanto, promover uma leitura de *A casa que Jack Construiu* (2018) sob orientação do motivo do demiurgo literário. Esse elemento concatena uma espécie de mítica autoral, cunhada em solo romântico, que associa o gesto criativo à transgressão e ao mal. O filme, convém já dizer, apresenta os relatos de um *serial killer* de pretensões artísticas. Esses episódios – assassinatos assim chamados pelo protagonista – delineiam-se como espécie de ensaio sobre as relações entre a performance estética e o mal, último passaporte artístico a levar subversão à arte. Sua narração, vestida pela grotesca proposta, radica no solo árido da contemporaneidade - época de falência de humanismo - ecos corrompidos das antigas ambições do gênio romântico.

A face maldita do gênio artístico, de compreensão distorcida em Jack, promoverá aqui o exercício de desocultar e avaliar as equações de equivalência dispostas por Trier. Essas alusões ao literário são mais detidamente claras a dois célebres escritores, a saber: Dante Alighieri (1265 – 1321) e William Blake (1757 – 1827). *Inferno*, segmento d’*A Divina Comédia* (1472) do poeta florentino, e os poemas “Cordeiro” (“*The Lamb*”) e “O Tygre” (“*The Tyger*”), poemas de *Canções da Inocência e da Experiência* (*Songs of Innocence and of Experience*, 1789) do poeta inglês. Entretanto, dada extensão de um artigo científico, optou-se pelo trabalho exclusivo com o poeta e gravurista inglês. Por essa razão, buscar-se-á nos poemas de William Blake a interlocução para se pensar em uma poética do mal.

O filme apropria-se dos poemas e de maneira consciente, transcriba-os distorcendo-os em um processo de bricolagem fílmica, produto própria da criação pós-moderna. Consequência desse movimento é a hipótese que se deseja comprovar: o longa-metragem, dado seu modo de formar, aponta diegética e extradiegéticamente para a angústia criativa na contemporaneidade.

A compilação dos pontos de análise, assim como a reunião das diferentes áreas do conhecimento para a orientação do exame, tem ainda seu fundamento na *práxis* de Lars von Trier. Sua atividade cinematográfica é sempre alinhavada na teorização das fronteiras, seu itinerário cinematográfico comumente funde-se em linguagens híbridas ao expandir os limites das fronteiras que insulam gêneros artísticos. O procedimento do cineasta dinamarquês mostra-se, dessa forma, bastante frutífero para os debates interartísticos e consequentes campos de saber contemporâneos. À vista disso, a análise transdisciplinar, logo complexa, é *nolens volens* obrigatória.

Sob a rubrica da dialogia dos cânones, desejou-se a aproximação de textos afastados por tempo e estilo, instaurando assim a possibilidade de uma análise que

não aquela diacrônica. Na postura divergente ao caminho único, esta investigação almeja descortinar a maneira como o filme cita os textos literários entendendo-a como representação relativamente ampla dos textos canônicos. A transcrição cinematográfica será abordada como transmissor de certo estilo literário consagrado, como lícita ponte às figuras retóricas literárias, como veículo propício ao contato entre a tradição literária ocidental e os dispositivos de criação típicos das linguagens estéticas contemporâneas. Já que as produções contemporâneas fabricam obras para públicos distantes em tempo – e tudo mais que essa distância acarreta – do original, a investigação da reconstrução da tradição em outros códigos e convenções é elemento *sine qua non* para estudá-las. Em outras palavras, é de fundamental importância para a área dos Estudos de Literatura a compreensão das variadas conexões que esta faz, pois há na ressignificação grande potencialidade. No diálogo com outras artes, a tradição literária se expande em significados: sua pervivência garante a multiplicidade de interpretações, enriquecendo-a.

## A DESTERRITORIALIZAÇÃO TRIERIANA

Este estudo interessa-se pela investigação da transcrição intermídia do arquétipo demiúrgico. Para sua análise, apoiamos-nos nas proposições de Northrop Frye e seu imprescindível *Anatomia da Crítica* (1957), obra que apresenta um conceito de “arquétipo literário” produtivo para as considerações aqui propostas. Com efeito, tratamos o arquétipo literário como certo padrão temático reincidente na tradição literária - até mesmo de culturas aparentemente sem conexão imediata - que concentra sentido coletivo, sendo expressivo, a seu modo, para diferentes épocas, e, por isso, recebendo nuances do contexto cultural em que está inserido, sem perder o vínculo com a tradição. O arquétipo aqui será, portanto, entendido como o que Frye chama de “[...] imagem típica ou recorrente” (FRYE, p. 101, 1957) em distintas culturas.

Definido o termo tão essencial para esta investigação, passemos para a apresentação dos parâmetros pelos quais o arcabouço teórico foi delineado, dentre eles estão os elementos caracterizadores da filmografia de Lars von Trier. Tal exposição, portanto, faz-se necessária não apenas pela cautela exigida pelo estudo do diálogo entre linguagens artísticas distintas e pertencentes a diferentes contextos culturais, como é caso da transcrição de arquétipos do cânone literário em produção cinematográfica, mas também pelo fato de a obra trieriana impor, por si própria, redobrada precaução: o confrangimento intencional e provocativo das bases estéticas e morais da arte são *modus operandi* de Lars von Trier.

Sendo assim, é imprescindível sopesar as estimulantes e pouco convencionais proposições trierianas. Mais do que advogar pela ótica arbitrária presente em suas narrativas, Trier parece convidar o telespectador à crítica, colocando seu público em circunstâncias pouco óbvias porque nada maniqueístas. Logo, compactuar prontamente com suas narrativas é imprudente postura irrefletida. A passividade mental, fruto da

proposta hollywoodiana de narrativas otimistas e naturalistas, é alvo do diretor.

Há ainda de se considerar o tom nada ingênuo da linguagem pós-moderna que alicerça a experimentação de seu cinema. Segundo Stępnik (2020, p. 2), o conjunto da obra de Lars von Trier é sintomático da estética pós-moderna: o hibridismo, o relativismo, uma postura irônica e sofisticada combinados à uma predileção especial por um pastiche inescapavelmente histórico são idiossincráticos ao pensamento pós-moderno e à estratégia de apropriação artística usada tão voluntariamente pelo diretor dinamarquês. Por isso, a multifacetada natureza do corpus de pesquisa, exigente de uma escrutinação acinte plural já que vincula diversas áreas, privilegiando a literária, encontra mesmo apelo na trajetória cinematográfica de Trier.

O diretor sempre teorizou as fronteiras. O trabalho com linguagens híbridas, o alargamento do limite das formas e fronteiras do gênero cinematográfico são preocupações recorrentes de seu cinema. Para tanto, Trier evoca uma extensão de estilos, técnicas e narrativas e com elas experimenta. Segundo Oliveira (p. 19, 2008), a criação a partir de estilos específicos para cada filme é influência direta do também dinamarquês Carl Dreyer (1889 – 1968), resultando na miscelânea característica de sua filmografia: há melodrama, suspense, horror, ficção científica. Entretanto, a leitura de seus filmes torna perceptível o objetivo da eleição de cada um dos gêneros estratificados: a subversão. Lars deseja transformá-los em um similar dissonante, em uma tangente de gênero – toca, mas não é completamente. Esse alargamento não só das formas, mas também de temáticas, combinado ao primoroso trabalho estético representam o diferencial trieriano.

Para a compreensão da perspectiva proposta por este artigo sobre a interpretação de sua filmografia a palavra “desterritorialização” será utilizada. Ela aqui designará a quebra de controle antes exercida pelo espectador e causa primária do seu cinema incômodo. Em outras palavras, desterritorialização significará a fratura no acesso aos territórios simbólicos familiares.

Essa quebra acontecerá dentro de duas instâncias, na forma e no conteúdo. A primeira delas diz respeito à operação de transparência de seus filmes, ou seja, à forma. Segundo Xavier (p. 41, 2005), alguns dispositivos garantem aquilo que batiza de *coeficiente de verdade* – ou então *poder de ilusão*. De acordo com o teórico, quando a montagem e a decupagem são clássicas, ou seja, acontecem de maneira a não serem percebidas, há o reforço do ilusionismo cinematográfico. Nessa proposta, o público experimenta o filme a partir de uma ótica afeita à uma concepção lida como verdadeira, de montagem acelerada, como detentora de sentido existencial – geralmente de orientação capitalista - e de suposta equivalência à realidade fora das telas. Quando os dispositivos estão revelados, como em cortes abruptos e sequências exigentes de conexão por parte do espectador, o público é distanciado ao invés de tragado e o pensamento crítico é favorecido – em *A casa que Jack construiu* (2018), por exemplo, Lars trabalha a descontinuidade a partir de uma estrutura tipicamente literária, a de capítulos. Quando o cinema expõe suas técnicas, mesmo que

não ostensivamente, colocando-se como produto antropomórfico, ou seja, à medida da perspectiva humana, colapsando uma pretensa objetividade, falamos de *opacidade cinematográfica*. O pêndulo da filmografia de Trier aponta para a opacidade do coeficiente de verdade, pois deixa transparente técnicas cinematográficas, como é o caso do cenário de *Dogville* (2004), por exemplo. E já por isso apartado do cinema popular, habitual, comercial.

A fratura das formas canonizadas, o rompimento com o naturalismo hollywoodiano – acima mencionado como decupagem e montagem clássicas - e consequente transparência da técnica cinematográfica encerram cargas significativamente ambíguas, fragmentárias e irônicas na filmografia de Trier. Por essas razões, cabe ao público e à crítica desvendar o jogo de alusões provocativas de Trier, fruindo o corte de expectativa.

A satisfação para a antecipação lesionada é a noção de que o cinema de Lars é um lugar onde as pulsões humanas, sempre tão ambíguas, corporificam-se: tudo está em tensão, pois tencionado é o ser humano. Similarmente, Trier tencionará as noções de objetividade, forma e arte. “O cinema provocativo de Trier é *thaumático* - do grego *thau*, que significa ‘espanto’, base e origem de todo o pensamento” (LIMA, 2018, p. 15). Ou seja, Lars propõe situações-limite que despertam perturbação de variados graus.

Além disso, os produtos culturais pós-modernos têm em seu íntimo o objetivo de oferecer resposta aos impasses da criação artística na contemporaneidade, contexto onde se imprime a saturação das formas de expressão e a angústia diante da impossibilidade de se plasmar a novidade. Motivado por essa mesma impossibilidade, a vinculação mais nítida entre Trier e a pós-modernidade mostra-se justamente no modo de criar, sempre enraizado em sistemas signos diversos. Isto é, Lars von Trier, ao colocar em crise o comum, renova os procedimentos estilísticos da linguagem cinematográfica engendrando produtos tipicamente pós-modernos.

Desse modo, o cineasta não advoga por uma mimética representação e palatável enredo, mas pela potencialidade da miscelânea típica da contemporaneidade (LLEVA DOT *apud* LIMA, 2018, p. 17).

Em *A casa que Jack construiu* (2018), a personagem Jack aspira a excelência artística marcada pelo gesto do grande gênio. Entretanto, na condição de homem contemporâneo, sua pretendida obra está mais alicerçada nas estéticas do Pastiche (JAMESON, 1991), impossibilitando-o de realizar uma performance verdadeiramente grandiosa.

O engenheiro civil Jack, interpretado por Matt Dillon, narra cinco dos assassinatos que cometeu a Virgílio, interpretado por Bruno Ganz – em estrutura semelhante à de *Ninfomaníaca* (2013). Paralelamente às confissões durante um movimento de descida ao inferno, o engenheiro relata as tentativas da construção da própria casa. Entretanto, assim como a narrativa das mortes nunca é concluída, a casa também não se termina. O *thriller* alegórico, com pitadas de horror e de insólito, compara os assassinatos de Jack e a posterior manipulação dos corpos às obras de arte clássica. A lógica da modificação da natureza para criar algo esteticamente agradável, tais como catedrais, é levada para as

fotos de cadáveres tiradas por Jack. Em outras palavras, a morte e seus produtos podem ser motivação para gestos artísticos. No filme, esse raciocínio é levado ao extremo com referências explícitas aos poemas “Cordeiro” e “O Tygre” de William Blake.

Além das referências à alta literatura, a obra é marcada por uma profusão de citações às artes plásticas, à música clássica, à caça e à arquitetura; levantando o debate acerca da angustiosa influência que perpassa o sujeito artístico contemporâneo. O convite à investigação das reminiscências da cultura canônica está atrelado à sugestão de que o crime e a violência são as últimas instâncias doadoras do caráter de novidade e de subversão à arte. A proposta da criação pela aniquilação faz ressoar, portanto, os sons do mito demiúrgico. Sob essa perspectiva, temos ainda a possibilidade de não só aprofundarmos no mito do demiurgo, divindade criadora parcial e má (WILLER, 2007), mas também na concepção de gênio poético, dois eixos que permitem a consideração do mal como força motriz da criação artística (SANTOS, 2009).

A poesia cinematográfica de Lars concatena áreas diversas, culminando em um *cinema-maiêutica*, pois a dimensão educativa defendida pelo cineasta consiste em permitir ao espectador a elaboração de conclusões interpretativas por si mesmo. A estética intermediária que fabrica fornece, portanto, um entretenimento não pasteurizado. Desse modo, “Trier faz um cinema intelectual. Para além do enredo, sua obra tece uma teia de citações que passam pelo cinema, Bíblia, Literatura, Música, Fotografia e Artes Plásticas. É como se convocasse os signos da cultura [...]” (RUFINONI, 2017, p. 73) para a confecção de seus filmes.

Diversos de obras lineares, entendidas como aquelas alicerçadas em pressupostos objetivos, os filmes de Trier não têm a pretensão de estabelecer verdades, ação impossível em um mundo pós-utópico e fragmentário. É justamente na provocação de valores morais que Trier revisita o cinema da subjetividade. Por isso é tão importante ver sua filmografia a partir de uma perspectiva que estabeleça o poder da metáfora (LIMA, 2018, p. 25). Mesmo que a temática de seus filmes possa assumir, por mãos diferentes, facetas objetivas, o resultado seria exatamente aquele que Trier deseja negar: a ilusão das respostas dadas, estagnando a potencialidade construtora de seu público. “A ilusão pela informação é inerte, estática e não provoca nenhuma inquietação para o existente; ela é apenas recebida. A comunicação indireta potencializa os filmes de Trier, dissipando as ilusões” (LIMA, 2018, p. 47). Trier valoriza a subjetividade. Essa pode ser a razão pela qual seus filmes são frequentemente motivo de repúdio e escândalo para o público em geral.

## O ESPECTRO DEMIÚRGICO NA ARTE

Apesar do inquestionável progresso da racionalidade do conhecimento, o cosmo e sua origem foram por diversas vezes imaginados. *Timeu*, publicado por volta de 360 a.C., é um dos diálogos de Platão (427-347 a.C.) e representa uma das inúmeras

concepções existentes para a gênese cósmica. O livro, composto por um longo monólogo do personagem-título, especula sobre a natureza do mundo físico e os seres humanos. É nele que a figura mítica do demiurgo, de papel conceitual e central na narrativa, foi registrada pela primeira (MANINI, 2014).

Porém, antes de aprofundarmo-nos em sua caracterização, é importante definir o termo. Segundo o *Dicionário Michaelis*, “demiurgo” é

1 FILOS Ser divino que, segundo o filósofo grego Platão (428-348 a.C.) e seus discípulos, age como princípio causal, com o sentido de criador, dotado de movimento próprio, que tem o poder de organizar o Universo. 2 REL Entidade intermediária de Deus, que teve participação na criação do mundo, de acordo com seitas cristãs de influência platônica e gnóstica. 3 FIG O responsável pela criação de uma obra monumental. 4 FIG Qualquer criatura tida como divindade. ETIMOLOGIA gr *dēmiourgós*. (MICHAELIS, 2021)

Desse modo, a figura do demiurgo pode ser lida como uma representação metafórica do princípio inteligente e ordenador de um domínio antes caótico. Segundo Platão, a ordem cósmica está, portanto, encarnada no papel fundamental e benevolente do demiurgo. Ele “é chamado de ‘a melhor das causas’ (29a5-6), que fabrica o *kósmos* não *ex nihilo*, mas a partir de um estado inicial de desordem, mantendo seu olhar fixo em um paradigma eterno, cuja beleza imita em seu produto” (MANINI, 2014, p. 51). A perspectiva da criação a partir da desordem, a partir do caos tencionada para o belo - e conseqüentemente para o divino e natural, pois platonicamente mimético - nasce, portanto, na figura do demiurgo. A aura demiúrgica tem, por conseguinte, conotação positiva.

Enquanto no mito relatado por Platão do *Timeu*, “há um Bem transcendente e um demiurgo racional, que atua como mediador para preencher, através da geometria, a distância entre formas inteligíveis e coisas sensíveis” (WILLER, 2007, p. 94), no Romantismo o demiurgo é princípio criador e nocivo: já que o universo é grotesco, seu criador é também funesto. À infausta perspectiva da criação por mão perversa acrescenta-se o movimento usurpatório da criação humana pela arte. Em outras palavras, é possível aos homens exercer papel demiúrgico por caminhos artísticos (BERNARDO, 2009).

O filme de Lars von Trier, *A casa que Jack construiu* (2018), tangencia o aspecto demiúrgico da arte. A narrativa baseia-se na faceta maldita de criador encarnada no protagonista. Este, além de afiançar a violência como última fronteira a ser ultrapassada pela arte, deseja realizar o grande gesto artístico, entronando-se como senhor de seus materiais e produções. Entretanto, o filme não apenas pensa a demiurgia amparada nas elucubrações de Jack, seu protagonista. Ela é tematizada em dois níveis: diegética e extradiegeticamente. Enquanto Jack formula trôpegos e facilmente refutáveis postulados sobre as realizações que perpetua aos corpos de suas vítimas, Trier propõe reflexão sobre o fazer artístico. Através da exposição dos mecanismos cinematográficos, recurso idiossincrático de sua cinematografia, alicerça a narrativa fílmica como artifício para o exercício mental.

Somado ao robusto aspecto demiúrgico, Trier promove ainda um constante jogo de interações interartísticas, apropriando-se de várias artes e incluindo-as em seu universo cinematográfico. O cinema trieriano apresenta-se, portanto, duplamente cósmico. Um fazer cinematográfico de arte total, composto por uma postura demiúrgica de citações artísticas em profusão. É um cinema de *mise en abyme*<sup>2</sup>. Trier coloca-nos diante de um abismo de realidade ilusória composto por um universo de referencial teórico, desconstruindo a vertigem da objetividade, do ideal mimético e da bruta originalidade autoral. É necessário escavar os fundamentos de seu cinema. Há, portanto e ainda, dupla escatologia em *A casa que Jack construiu*: a visceral e a sagrada, pois os corpos, um dos objetos centrais da discussão artística promovida por Jack, são deificados através da transgressão; o sagrado divino de aspirações artísticas alcançado pela destruição apocalíptica e herética.

Os trilhos dessa obra, já em si cavernosa, apontam, portanto, para um vínculo entre o Cinema e a Literatura. Aludem ainda à uma inseparável relação entre realizador e obra, criador e criação, entre Trier e Jack. A Literatura e o Cinema formam aqui uma mesma matéria tida antes como, não disforme, mas talvez distante, a qual Trier deve organizar em um duplo movimento paradoxal. E, muito embora o eixo temático central do filme resida no caos e na desordem provenientes do delírio de Jack, o final soluciona originalmente a questão. O desfecho envia Jack – e o espectador – ao começo da narrativa, ao início do diálogo com Virgílio, às águas em tornozelos que principia o filme. Desse modo, na justaposição do final sobre o início, estabelece-se um jogo metalinguístico, tal qual um demiurgo transformando o caos em cosmos, para então destruí-lo e logo fazer renascer, sucessivamente, a sua criação.

O potencial criador e supostamente nefasto da humanidade é problematizado de maneira pioneira na modernidade pelo poeta inglês William Blake. Tanto que o filme do diretor dinamarquês resgata pontualmente dois de seus poemas mais famosos, a saber “Cordeiro” (“*The Lamb*”) e “O Tygre” (“*The Tyger*”). Uma das intersecções entre a proposta blakeana e a demiúrgica é a de que “o conhecimento não se dá na passividade, o conhecimento é ação” (BARBOSA, 2006, p. 21). Desse modo, a claridade lúcida se dá no combate àquilo que se convencionou chamar de *status quo* – ou como Blake prefere, o Bem. Na investigação daquilo que ainda está obscuro – o desconhecido proibitivo e insondável estipulado pela convenção religiosa, segundo o poeta –, é possível criar conhecimento científico e artístico, já que o mundo, tal qual o conhecemos, é resultado do trabalho exploratório humano. A ação investigativa é, portanto, valorizada no poder transformador que lhe caracteriza. Logo, a laboração é apontada como farol possível para a competência demiúrgica.

---

2 Noção usada pela primeira vez pelo escritor francês André Gide em 1893 ao referir-se aos procedimentos em que um texto suporta um outro texto dentro de si. Apesar da factível aplicabilidade por parte de qualquer campo artístico que suponha uma narrativa, é mais frequentemente utilizado pelas artes plásticas e o cinema. O quadro *As Meninas* (1656), do pintor espanhol Diego Velásquez, é um claro exemplo de construção em abismo. Na literatura, o termo encontra lugar nas limitações e reverberações de memória do leitor. Já no cinema, a pluralidade de enquadramentos provoca o lugar do espectador como vidente da realidade diegética do filme, pois faz com que as previsões elaboradas alcancem a realidade exterior à obra.

Sobre a latente face demiúrgica da criação artística e da pesquisa científica, Barbosa (2006), em *O homem demiurgo*, afirma que “o homem não é mais um simples filósofo diante do universo, ele é uma força infatigável contra o universo, contra a substância das coisas. A ação é sempre contra o estabelecido, o que já está aí. É preciso instaurar o novo”. Fica evidente, portanto, que apenas na derrubada de antigos muros e pela renovação de fronteiras a expansão humana será possível. Esse aspecto não só liga a demiurgia a Blake, mas também a Trier, já que, como dito anteriormente, seu cinema sempre teorizou os limites fronteiriços da linguagem cinematográfica. Mesmo na destruição do conhecido, ou em sua renovação, há sentido criador: “pelo martelo obreiro, a violência que destrói é transformada em poder criador<sup>3</sup>” (BACHELARD *apud* BARBOSA, 2006, p. 22).

## A DICOTOMIA BLAKEANA DO MAL

William Blake (1757-1827) foi poeta, desenhista, pintor, gravador, impressor e, possivelmente, compositor no período da Revolução Industrial inglesa. Viveu, portanto, o momento de transição entre a economia agrária e artesanal para a intensa produção fabril. O testemunho dessas mudanças está impresso em sua poesia, pois “[...] sua obra é comentário e uma reação às suas consequências” (COUTINHO; GONÇALVES, 2005, p. 11). Acrescenta-se a essa fotografia poético-histórica, a condenação por Blake das contradições da primeira geração romântica. Ele denunciou a superstição da filosofia, a idolatria da razão e profetizou os perigos do culto à religião do progresso das fábricas satânicas e mortes eternas (PAZ, 1984, p. 78). Aos quatro anos de idade viu Deus e “[...] durante toda a sua vida teve visões, afirmando encontrar-se com anjos e profetas” (COUTINHO; GONÇALVES, 2005, p. 11). Essa notável experiência plasmou-se em toda sua obra, pois seus textos e gravuras têm grande relevância religiosa e mística. Em seus poemas e impressões, há marca expressiva de sua concepção particular de Deus e de anjos como enormes figuras mitológicas e proféticas.

Sobre a interpretação de Blake sobre o divino, o crítico literário C. M. Browra afirma que

Deus é o poder criativo e espiritual no homem e, apartado do homem, a ideia de Deus não tem sentido. Quando Blake fala do divino, ele está fazendo referência a este poder, e não a uma figura divina externa e independente. [...] Para Blake, Deus é a essência divina que existe potencialmente em cada homem e mulher. (BROWRA *apud* COUTINHO; GONÇALVES, 2005, p. 13)

Ou seja, Blake defende a ideia de que o divino é habitante do gesto criador. E ao encerrar o divino dentro da ação humana, mais especificamente na atividade criativa, o poeta elevará a arte ao patamar da religião. Isso em um momento em que a valorização da racionalidade é *sine qua non* para a validação de qualquer figura da intelectualidade e consequente produção. Em um período de nacionalidade exaltada, de enaltecimento do

<sup>3</sup> “*Par le marteau ouvrier, la violence qui détruit est transformée en puissance créatrice*”.

coletivo, da propaganda do Iluminismo, Blake cria uma mitologia pessoal a partir de uma faculdade essencialmente subjetiva: a imaginação; e ainda afirma, em notas elaboradas sobre *A Visão do Juízo Final*, pintura datada de 1808, “Este mundo da Imaginação é o Mundo da Eternidade (tradução nossa)”<sup>4</sup>.

Nessa mitologia, a imaginação é o oposto complementar do deus da razão, Urizen, o limitador da Energia, o fabricante de leis. “A criação blakeana simboliza o Criador, o Grande Arquiteto que, por sua obra, aprisiona a imaginação do Homem, destruindo, assim, o seu Corpo Espiritual” (COUTINHO; GONÇALVES, 2005, p. 14). Quer dizer, a racionalidade castra a faculdade imaginativa do homem, aquela responsável pela investigação indagadora e posterior expansão do mundo e mente humana. Nessa castração, esse ímpeto potencialmente existente em cada homem e mulher, esse motor de manifestação divina, é assassinado. Em outras palavras, Blake opor-se-á total e completamente à filosofia animadora da Revolução Industrial.

Antes de prosseguir, é interessante notar a aproximação possível entre a personagem protagonista do filme de Trier, Jack, e a racionalidade do *Grande Arquiteto* supracitada. O *serial killer*, engenheiro civil de formação, fala abertamente do desejo reprimido pela mãe de formar-se em Arquitetura. Inclusive defende sua extravagante teoria sobre as artes partindo de concepções arquitetônicas sobre igrejas góticas. A partir daí ele arrazoará sua hipótese assentado na metáfora de que os corpos das vítimas que mata “pedem” a ele determinadas construções, específicas linguagens artísticas. Isso o faz experimentar a fotografia, a caça, a escultura e, claro, a arquitetura. Desse modo, Jack deseja elevar-se como o último gênio artístico possível, e ao mesmo tempo como o grande pensador racional da atualidade, pois defende a violência, a aniquilação como motes para o trabalho artístico. O arquiteto que assassina, assim como acontece em Blake.

Entretanto, o mundo em que Blake vive é dominado por Urizen, ao contrário daquele habitado por Jack. A razão, de acordo com o poeta inglês, deve ser combatida por meio da arte contestadora. Ao contrário da convicção blakeana, Jack afirma ser contestadora toda arte “verdadeira”, independente do expediente e grau em que se apresente a contestação. E vai além, afirma ainda que sua proposta só pode ser constatada por aqueles essencialmente racionais. Enquanto Jack defende a violência crua, Blake, segundo Paz (2005),

[...] lima de erros os livros sagrados e escreve inocência onde se lia pecado, liberdade onde se gravava eternidade. O homem é livre, desejo e imaginação são suas asas, o céu está ao alcance das mãos e se chama fruta, flor, nuvem, mulher, ato. Aliviado da culpa, o homem de Blake voa, tem mil olhos, fogo na cabeleira, beija o que toca, incendeia o que pensa. (PAZ apud COUTINHO; GONÇALVES, 2005, p. 15)

Trier, portanto, parece apresentar Jack como um leitor literal e pouco sensível à verdadeira proposta blakeana. Enquanto Jack constrói uma casa de corpos e em

---

4 “*The world of imagination is the world of eternity*”. (BLAKE, 1808)

delírio desce ao inferno, Blake abre as portas de um mundo peculiar, onde questões modernas - como racismo, orfandade, densidade populacional, questões sociais várias, condições precárias de trabalho, a brutalidade e cegueira religiosa, a inocência perdida, a desumanidade – ainda não eram totalmente percebidas e compreendidas. Alimentado pelo arredor, o universo blakeano é revoltoso, é criador, contestador e divinal. A barbárie moderna por ele presenciada, o mal advindo da escura fuligem dos telhados das fábricas, não lhe permitiu possibilidade de repouso. Desse modo, sua poesia está permeada por essas visões infernais.

Essa violência, esse Mal, torna-se em Blake um jorro de energia, provedora da força contestadora encontrada em sua poesia. Ele a condensou na figura do Tigre, em versos agora célebres. Nos animais tema dos dois poemas, Blake vê partes da eternidade e ilumina as concepções divinais do pensamento dicotômico e retroalimentar de sua poesia. No cordeiro, representante do Bem, da infância, da ludicidade, está a moralidade mais óbvia, a conduta asseverada, e também a curiosidade inocente porque infantil, postura poética para o descobrimento daquilo que o tigre revela. O espelhamento desses dois poemas suscita aquilo que cada um, se analisados separadamente, esconde. O movimento comparatista desperta e a linguagem provoca, ilumina. Desse modo, “[...] a moral rigorosa, neste aspecto, é dada a partir de cumplicidades no conhecimento do Mal, que estabelecem a comunicação intensa” (BATAILLE, 1989, p. 10).

Blake soube reduzir o humano à poesia e a poesia ao Mal (BATAILLE, 1989, p. 67). A estesia necessária para a apreciação da poesia blakeana é similar àquela exigida pela cinematografia de Lars von Trier, pois, além da proposta demiúrgica para a arte, além do tom antagônico do trabalho, no cerne da empresa de ambos está o incômodo. Esse pilar, proveniente do maligno, é recurso de transcendência, é motor para a catarse, já que ambos afixam o poder transformador de sua inquisitória arte-filosofia. O Mal, instância a ser analisada microscopicamente, funciona, portanto, como força motriz para a reflexão. Os poemas “Cordeiro” e “O Tygre” plasmam, desse modo, a defesa do *modus operandi* de ambos os artistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Casa que Jack construiu* (2018) é, de relance, uma narrativa apologética à transgressão. Entretanto, o espectador que se mostrar disponível para a descida às referências malignas dispostas por Lars von Trier perceberá que o longa-metragem expõe e executa a subversão mais rasa, as águas pelo tornozelo, que, à primeira vista, parece autorizar. Trier, desse modo, atua como mente demiúrgica de um universo que de tão tensionado se fratura.

Com isso, salienta-se a deformidade da leitura da poética blakeana, pois Jack, ao alimentar-se dos condimentos aniquiladores de William Blake, glorifica-se como criador

último. O extermínio em *A casa que Jack construiu* significa, portanto, reverberações claudicantes da faceta maligna do poeta inglês. A partir da análise dialógica das proposições, notamos que Lars, pela máscara órfica de seu protagonista, coloca-se também como criador maldito, manipulando o universo diegético de Jack e o mundo intelectual de seu espectador. Desse modo, o diretor tematiza o próprio fazer cinematográfico, povoando a narrativa com ecos autobiográficos.

Para a consideração de *A casa que Jack construiu* no interior do cosmo poético de William Blake necessário é nutrir-se de suas proposições sobre demiurgia e visão imaginativa. Ver o cânone inventivamente significa vê-lo enquanto possibilidade de criação, enquanto peças para a reconstrução de uma estética autorreferente, autocrítica e fragmentária - e não como bloco de sentido definitivo. Desse modo, a casa de corpos trieriana parece plasmar certa ponte sincrônica entre autores, formando, assim, uma cadeia de pervivência artística. Sabedor da ruína da linearidade, Trier faz da visão poética blakeana fundação de seu filme antinaturalista, erigindo, desse modo, uma cinematografia demiúrgica.

O cineasta reorganiza a cascata infernal e aflitiva de referências que é o cânon em um novo universo de sentidos insubmissos, tal qual um demiurgo. A câmera oscilante, os trechos compostos pela alternância de cenas em primeiríssimo plano (rosto) e plano geral (ação), o roteiro verborrágico e ufano são elementos para a criação. A matiz intermídia da linguagem de Blake é escalonada ao ponto de tornar-se autorreferencial em Trier. No minuto 01:49:00, cenas de filmes anteriores são exibidas. Nesse momento, Jack diz:

Algumas pessoas afirmam que as atrocidades que cometemos em nossa ficção são aqueles desejos internos que não podemos satisfazer em nossa civilização controlada, então eles são expressos, em vez disso, por meio de nossa arte. Eu não concordo. Eu acredito que o Céu e o Inferno são um e o mesmo. A alma pertence ao céu e o corpo ao inferno. (TRIER, 2018, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Aqui Trier dá a chave-interpretativa. Apontando frequentemente como gerador de violência gratuita em sua filmografia, ele cerze William Blake na argumentação quando afirma: “Eu acredito que o Céu e o Inferno são um e o mesmo” enquanto Jack olha para cima, após a chuva que lava o sangue da trilha deixada por sua vítima – o que antecede a explanação sobre a complementariedade entre o cordeiro e o tigre. Esse gesto, além de referenciar Blake, aponta também para Trier, pois é ele quem orquestra a tempestade em favorecimento de seu protagonista.

Além disso, a perversidade de expressão permitida apenas em linguagem artística vai de encontro com a perspectiva messiânica do mal defendida pelo poeta inglês. A relação provocativa estabelecida pela citação acima – opaca, pois lida por muitos críticos

<sup>5</sup> “Some people claim that the atrocities we commit in our fiction are those inner desires which we cannot commit in our controlled civilization, so they’re expressed instead through our art. I don’t agree. I believe Heaven and Hell are one and the same. The soul belongs to Heaven and the body to Hell”. (TRIER, 2018, 01:49:00)

como pedantismo autocentrado – nos parece refletir o *modus operandi* de ambos artistas: há certa obscuridade nas metáforas de Blake e de Trier. A lapidação extensiva é razão para a classificação do cinema trieriano como intelectual (RUFINONI, 2016, p. 73) e da poesia blakeana como impenetrável (FRYE, 1947, p.5). Os dois artistas vêm a malignidade como fio condutor para a expansão humana, pois é instrumento questionador. A dimensão mais humana está em seu elemento criativo, que pode com frequência chocar. Enquanto Blake denuncia a castração performada pela Revolução Industrial, Trier aponta para a pouca profundidade pensamento da atualidade. O extermínio que combatem aqui é, portanto, da capacidade imaginativa. Nem Blake nem Trier defendem o mal *per se*, mas a redução do humano em estruturas rasteiras. O desejo indicado na citação significa, portanto, a necessidade da liberdade ilimitada da criação.

Trier, dessa maneira, lê a tradição como Blake lê a Bíblia: infernalmente. Isto é, movido pela descortinação das ambiguidades, pelo potencial poético de renovada decodificação. O cânone, nesse sentido, funciona como fonte poética e não como receptáculo de verdades absolutas. Em seu modo de formar transluciferiano, Trier amplia a capacidade metafórica do cânone, antes entendido como fixo e encerrado, através da heresia de combinar tantas referências distantes.

A sociedade pós-moderna, e por isso pós-utópica, marca a dissolução das visões sistemáticas da realidade e do universo “como totalidade ordenada. Resultado disso é “[...] a crise de valores, a dissolução da cultura, a relatividade dos costumes e a falta de perspectiva que estaria atingindo a todos os membros da “multidão solitária” (XAVIER, p. 85, 2005). O abandono das intuições é proporcional ao da expansão científica (HUTCHEON, 1991). Assim como Blake, Trier propõe a reconexão do humano pela fruição estética. Como afirma Xavier (2005),

A arte, como lugar privilegiado desta apreensão estética (sensível) das coisas, significaria a garantia de que a sensibilidade humana não estaria condenada à morte. Ela ganha assim definição como complemento da explicação abstrata fornecida pela ciência, através da doação de uma experiência qualitativamente diferente. (XAVIER, 2005, p. 87)

Sendo assim, Trier parece convidar seu público a se redimir da inércia intelectual, de sua virtual inexistência. É possível expandirmo-nos através do cinema de Trier porque estamos nós também fragmentados. *A casa que Jack construiu*, particularmente equipado para promover a redenção da pervivência artística, mostra-se, desse modo, equivalente aos blakeanos olhos tigrados.

## REFERÊNCIAS

A CASA que Jack Construiu. Direção: Lars von Trier. Produção: Louise Vesth 2018. (155min.) 1 DVD. Distribuição: Califórnia Filmes. The house that jack built.

BARBOSA, Eliana. O homem demiurgo. **Reflexão**, v. 31, n. 90, p. 21-28, 2006. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal/Georges Bataille**; tradução de Suely Bastos. - Porto Alegre. L&PM, 1989. 224p.; 14x21 cm.

BERNARDO, Gustavo. Da metaficção como agonia da identidade. **Confraria—Revista de Literatura e Arte**, 2009. Disponível em: <https://www.confrariadovento.com/revista/numero17/ensaio03.htm>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BLAKE, William. **Canções da Inocência e da Experiência**. Edição bilingue. Tradução de Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. **Transcrição** / organização Marcelo Tápia, Thlema Médici Nóbrega. – São Paulo: Perspectiva, 2015.

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. **Literatura e sociedade**, v. 2, n. 2, p. 37-55, 1997.

\_\_\_\_\_. Intermedialidade. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 8-23, 2012.

\_\_\_\_\_. Inter textus/Inter artes/Inter media. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 14, n. 2, p. 10-41, 2006.

DOGVILLE. Direção: Lars von Trier. Produção: Vibeke Windelov / Dinamarca/Alemanha/Suíça/França/Noruega, 2011 (178min.) 1 DVD. Distribuição: Califórnia Filmes.

FREY, Mattias. **Extreme Cinema: The Transgressive Rhetoric of Today's Art Film Culture**. New Brunswick and London: Rutgers University Press. 2016.

FRYE, Northrop. **Fearful Symmetry: a study of William Blake**: Princeton UP, 1947.

\_\_\_\_\_. **Anatomia da crítica: quatro ensaios**. Tradução de Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014 [1957].

HUTCHEON, Linda. 1947 – **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção** / Linda Hutcheon; tradução Ricardo Cruz. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. Re-presenting the past. In **The politics of postmodernism**. Routledge, p. 62-92, 2003.

JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism**. Duke University Press, 1991.

LIMA, Fransmar Barreira Costa. **Inquietações do existente: cinema como filosofia em Lars von Trier / Frasmr Barreira Costa Lima**. 166 f. : il. ; 30 cm. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Orientador: Paulo Roberto Monteiro de Araujo. Bibliografia: f. 154-163.

MANINI, João Luís Serra. **O deus artesão: o papel do demiurgo no Timeu de Platão**. 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

NINFOMANIACA. Direção Lars von Trier. Dinamarca: Califórnia Filmes, 2013. DVD (ca. 325 min.), color. e p & b.

OLIVEIRA, Fábio Crispim de. **A intermedialidade subversiva na narrativa cinematográfica de Lars Von Trier**. 2008.

\_\_\_\_\_. **Espaços excludentes, corpos excluídos: a narrativa cinematográfica de Lars von Trier**. 144 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda** / Octavio Paz; tradução de Olga Savary. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PLATÃO. **Diálogos Timeu- Crítias** - O 2º Alcibíades - Hípias Menor. Trad. C. A. Nunes. Belém: Gráfica e Editora Universitária, 1986.

RUFINONI, Simone Rossinetti. Paradoxos da Melancolia. Uma Leitura do Filme Melancolia, de Lars Von Trier. **Revista de Linguagem do Cinema e do Audiovisual**, v. 5, n. 1, p. 69-77, 2016.

STĘPNIK, Małgorzata. *The House that Lars Built. The Architecture of Transgression*. In: **Arts. Multidisciplinary Digital Publishing Institute**, 2020. p. 127.

TAVARES, Enéias Farias et al. **As portas da percepção: texto e imagem nos livros iluminados de William Blake**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

WILLER, Claudio Jorge. **Um obscuro encanto: Gnose, gnosticismo e a poesia moderna**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3ª edição – São Paulo, Paz e Terra, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso sexual 255, 256, 258

A casa que Jack construiu 37, 38, 41, 42, 44, 45, 49, 50

Adolescente 34, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 114

Analfabetismo 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 241, 243

Aprendizagem histórica 9, 11, 105

Assédio sexual 255, 256, 257, 258, 259

Aulas remotas 198, 199, 200, 201, 204, 207

### B

Brasil 21, 62, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 84, 85, 86, 90, 93, 96, 99, 100, 101, 102, 117, 119, 122, 129, 131, 133, 134, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 179, 185, 188, 191, 193, 194, 196, 204, 210, 213, 214, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260, 261

### C

Censura 20, 22, 35

China 21, 36, 77, 82, 83, 188

Consequências 3, 46, 97, 156, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 172, 183, 256

Contexto escolar 86, 117, 181, 184, 200, 203

Criança 56, 57, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 184, 185, 205

Cultura pop 15, 20

Curso de pedagogia 120, 121, 133, 141, 142, 145

### D

Dança 56, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Danças brasileiras 86, 89

Deficiência 12, 117, 118, 119, 136

Demiurgia 37, 38, 44, 46, 49

Diário de campo 117, 118, 119

Dificuldades 57, 97, 117, 118, 119, 132, 134, 137, 169, 179, 188, 198, 201, 202, 246, 252

### E

Educação 9, 18, 27, 34, 66, 67, 71, 77, 87, 88, 89, 90, 93, 97, 99, 102, 104, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135,

136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 208, 243, 254, 262

Empoderamento 58, 63, 64, 68, 69, 70, 75, 76, 258, 259

Ensino 9, 10, 11, 13, 17, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 104, 105, 106, 114, 117, 118, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 155, 157, 158, 160, 166, 168, 170, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207, 242, 262

Escrita 11, 21, 53, 54, 55, 56, 73, 106, 107, 117, 119, 130, 137, 154, 165, 166, 167, 172

Estética 1, 7, 39, 41, 43, 49, 50, 53, 54, 55, 56

Estudos interartes 37, 38, 51

Estudos literários 37

## F

Feminismo 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76

Figurino e política 20

Formação de professores 87, 120, 121, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 202

Fundadores 12, 77

## G

Garimpeiro 246, 252

## H

Harry Potter 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

História da educação 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 159, 166, 174

Historiografia educacional 120, 138

Hotéis 209, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226

## I

Igualdade 63, 65, 68, 74, 75, 118, 150, 156, 166

Inclusão 58, 102, 117, 118, 119, 145, 146, 147, 148, 150, 159, 179

## L

Literatura 9, 10, 11, 12, 16, 17, 37, 38, 39, 40, 43, 45, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 61, 62, 88, 95,

104, 105, 106, 113, 114, 137, 146, 174, 214, 215, 219, 223, 233, 248

## **M**

Melhoria contínua 198

Método 5s 198, 200, 203, 207

Mídias sociais 209, 210, 211, 217, 218, 258, 260

Montante 246, 247, 250, 251, 252

Mudança estrutural 1

Mulher 21, 46, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 108, 229

## **N**

Narrativa complexa 1, 3

## **O**

Online travel review 209, 210

## **P**

Pandemia 9, 10, 105, 106, 187, 188, 190, 191, 198, 199, 201, 202, 205, 206, 207, 208, 260

Periódicos 120, 121, 122, 123, 124, 131, 133, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 248

Período medieval 9, 10, 11, 104, 106, 113

PIBID 86, 87, 88, 89, 91, 93, 192, 193, 194, 196, 198, 200, 202

Posicionamento 151, 152, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 225

Proteção 26, 78, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 171, 249, 260

## **Q**

Química 9, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 242, 243

## **R**

Rio de Janeiro 17, 18, 19, 36, 51, 52, 62, 74, 75, 76, 84, 93, 114, 115, 116, 160, 161, 162, 174, 185, 208, 209, 210, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 243, 244, 245

Risco 35, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 112, 113

## **S**

Século XIX 17, 65, 66, 113, 228, 230, 231, 234, 235, 237, 240, 241

Séries 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 118, 204

Serra pelada 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254

Surdez 118, 119

## **T**

Território 15, 22, 24, 57, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 235

The Untamed 20, 21, 22, 23, 24, 27, 35, 36

TICs 192, 193

Transcrição 37, 38, 39, 40, 51

Tripadvisor 209, 210, 211, 218, 219, 223, 225

Tucupi 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243

## **U**

Utilização 72, 88, 100, 106, 130, 137, 139, 182, 183, 184, 193, 198, 199, 204, 209, 218, 228, 229, 230, 234, 235, 236, 238, 241

## **V**

Vulnerabilidade 96, 97, 101

# AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# AS CIÊNCIAS HUMANAS E AS ANÁLISES SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS E CULTURAIS

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

